



Director literario:

Arquibaldo Campesina
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
 PAPUSSE


BONDADE RECOMPENSADA

Por MARIA DOLORES CRISTIANO

Um dia, o príncipe D. Cândido foi fazer uma visita aos seus vastos domínios, mas perdeu-se no meio duma densa floresta; em vão soprava na pequena trompa, na esperança de que algum dos seus fidalgos o viesse procurar. Cansado de andar, sentou-se na relva e entregou-se a um sono reparador, sendo, porém, daí a pouco, acordado por uma velhinha, que meigamente lhe disse: Senhor, se quizerdes dormir mais, ide para a minha cabana, pois lá, apesar do pouco conforto, estais mais abrigado dos animais ferozes. O rei seguiu a velhinha, que, daí a pouco, lhe mostrava uma pequena cabana, dentro da qual, além de varios utensilios velhos, estava um misero leito, se assim se podia chamar a um estarrapado colchão.

Como D. Cândido estava cansado, ainda dormiu um pouco. Quando acordou, pediu informações á boa velhinha

sobre o caminho, dando-lhas esta de boa vontade. Por fim o rei seguiu o caminho indicado, depois de ter recompensado generosamente a boa velhinha. Aconteceu, anos depois, que o mesmo príncipe foi visitar novamente os seus domínios e chegou a um ponto onde havia um profundo lago cujas águas negras, tremulando, monótonamente, pareciam dizer: Lago negro e profundo, sou o espelho de todos, sou o espelho do mundo.

D. Cândido seguido de numerosa comitiva, chegou á beira do lago para ver nêle reflectido o seu character e o de quantos o acompanhavam. Debruçou-se e viu rostos dolorosos de camponeses arruinados pelos impostos, mães com os olhos vermelhos de chorarem pelos filhos mortos na guerra, e tantos quadros dolorosos causados por êle,

(Continua na página 3)



O PRINCIPE BALTAZAR

Por DIANA MARIA

Desenhos de E. MALTA



O REI andava triste e a rainha não fazia senão chorar.

Rodrigo, irmão do rei, tinha dois filhos; um príncipe e uma princesa, alvos e loiros como os anjos, e só o príncipe Baltazar, filho único e herdeiro ao trono, viera ao mundo negro como um tição. Tal qual as fadas

o fadaram, assim éle nascera. Era esbelto e galante

como um págem; tinha dois olhos que brilhavam como dois sois nascentes; uns cabelos finos e ondulados; um coração cheio de amor e de bondade; uma alma mais branca do que o luar... mas era negro, como um tição!

Chegado o príncipe à idade de se casar, o rei mandou mensageiros aos palácios dos reis dos países vizinhos, afim de tratarem o casamento de Baltazar com uma das suas filhas. Mas todas as princesas, ao terem conhecimento de que Baltazar era negro como um tição, imediatamente se recusavam a casar com éle.





O príncipe, que não era vaidoso e que nunca amara, pouco lhe importava ser preto e desprezado pelas princesas.

O rei, seu pai, é que cada vez andava mais triste e a rainha, sua mãe, até trazia os olhos pisados de tanto chorar.

Ora uma bela manhã em que Baltazar voltava sózinho da caça, viu Lídia, sua prima e filha de Rodrigo, que toda debruçada na margem dum lago ao princípio da floresta, tentava baldadamente colher uns myosotis.

Baltazar aproximou-se, ajoelhou-se junto dela na relva fresca, e estendeu o braço para lhe colher as flôres. Nisto, apareceram, reflectidas na superfície lisa do lago, as duas imagens. E ambos ficaram longamente a ver-se naquelas águas claras...

Assim, pois, começaram os amôres de Lidia e Baltazar.

O rei já não andava triste e a rainha já não chorava. Havia grande alvoroço na côrte. As festas sucediam-se. O príncipe Baltazar ia em breve casar-se com Lídia, a formosíssima filha de Rodrigo.

Na véspera do dia marcado para a cerimónia, ma-

gníficos coches paravam constantemente em frente do palácio onde se apeavam reis e rainhas, príncipes e princesas dos quatro cantos do mundo, que vinham assistir ao faustoso casamento daquele príncipe tão negro.

Logo nessa noite, na sala nobre do palácio, dava-se um grande sarau, com danças, jogos e descantes.

E já a sala se enchia de belas damas e senhores, quando Baltazar, magnificamente, fez a sua entrada. Todos os olhares se voltaram para êle. Foi um espanto! E todas as princezinhas, mesmo as que já estavam noivas doutros príncipes, não puderam deixar de soltar um gritozinho abafado... Era pois aquele o príncipe que elas regeitaram?! Baltazar que era preto, mas era lindo!

E no dia seguinte, no momento em que o padre enfiava as alianças nos dedos dos noivos, todos aqueles labiozinhos se morderam de inveja...

Os príncipes, despeitados com o procedimento das princesas, e na esperança de assim mais lhes agradarem, de regresso aos seus reinos, pintaram-se de preto.

F I M

BONDAD E RECOMPENSADA

(Continuação da pagina 1)

que se sentiu atraído, por uma fôrça irresistível, e caiu ao lago. O povo empregou bastantes esforços para o livrar mas não o conseguiu.

Logo que o rei chegou a uma certa profundidade, foi agarrado por Satanaz que o levou para o reino infernal e lhe disse: Vou submeter-te a várias provas que devers vencer se quizeres ir para o teu reino; caso contrário, ficarás prisioneiro.

Depois de estar no inferno algum tempo, Satanaz obrigou-o a fazer várias coisas perigosas, mas D. Cândido, com admiravel sangue frio, conseguiu vencer. Por fim, tentou a alma do prêso e êste dispunha-se já a dar a alma a Satanaz. Mas a imagem da fada, madrinha dêle, afastou-o do mal. O Diabo admirado da coragem do rei, deu-lhe, enfim, a liberdade.

(Conclue no fim da página 8)

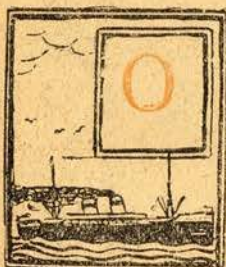


BALALAIKA

POR

ANA PINA

DESENHOS DE E. MALTA



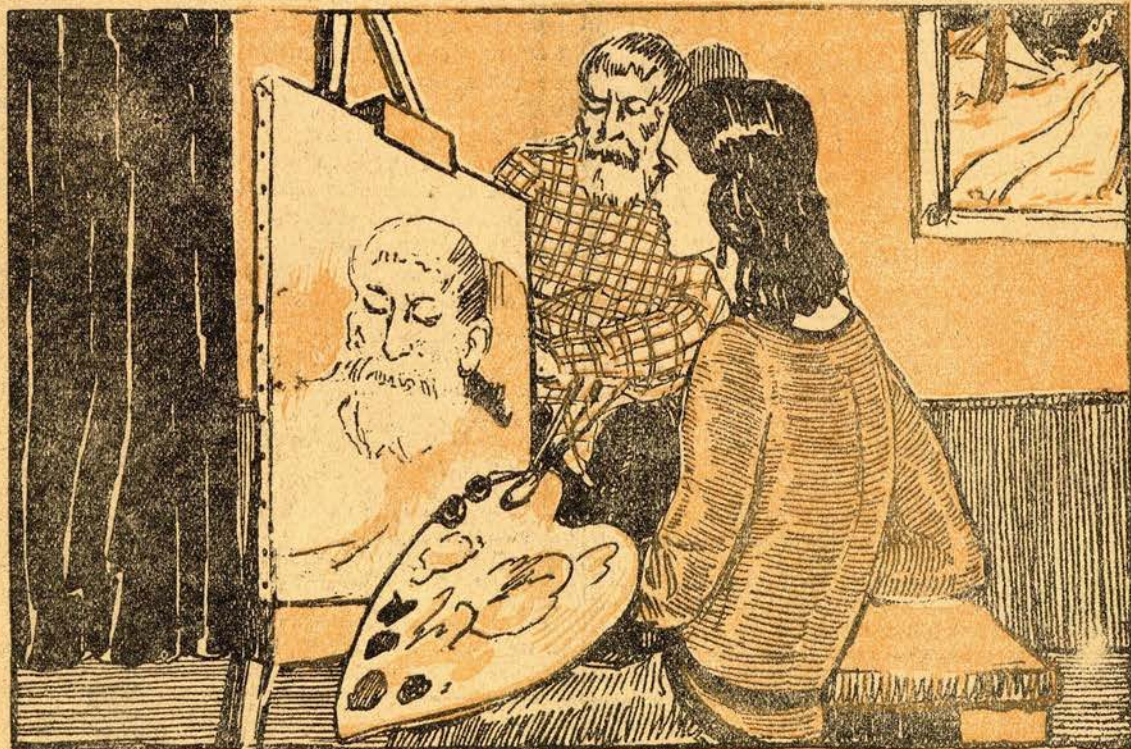
grão-duque Albano adorava sua filha Aisobel. Ela era uma linda menina de dezoito anos, pequenina e frágil. Sob a floresta dos seus negros caracóis brilhavam uns magníficos olhos verdes. Aisobel não gostava de sair. Passava o tempo nos seus aposentos

bordando ou pintando. No entanto, o seu passatempo favorito era, quando a sua amiga de infância, a filha da condessa Erna, sua madrinha, passava o dia com ela. Então Corissandra tocava e Aisobel dançava como exímia bailarina que era. A dança era a sua paixão. Fôra num baile, no palácio do Czar, que ela conhecera o príncipe Mário, presen-

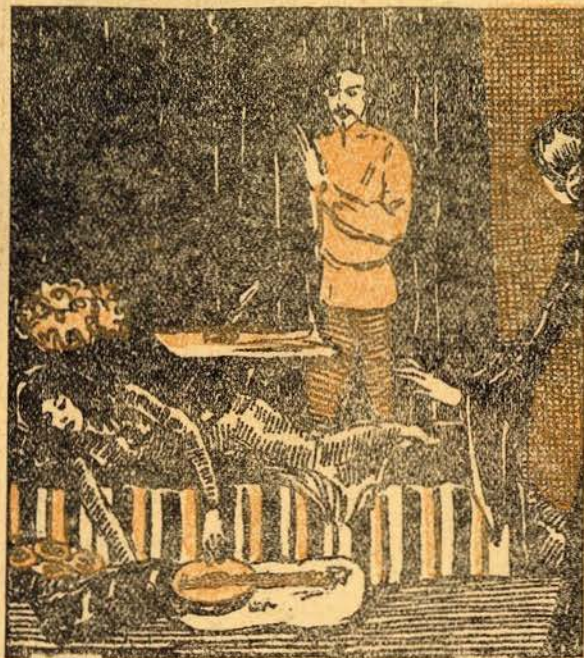
temente seu noivo. Vira-o dançar, admiravelmente, com a linda Czarina, e desde êsse dia amava-o. Mário ha muito que a amava. O grão-duque Albano viu com agrado a escolha da filha. Ora Aisobel, por morte do pai devia herdar uma fortuna colossal, e a duquesa Sandra ardia em inveja por vêr que a mão da linda herdeira ia ser concedida ao príncipe Mário. A duquesa Sandra era irmã do grão-duque Albano.

Se Aisobel morresse solteira, toda a fortuna revertia em favor de Aminta, a filha da duquesa.

Sandra foi a casa dum feiticeiro, o qual lhe disse que lhe trouxesse o objecto mais querido da linda Aisobel. A duquesa Sandra foi ao palácio do irmão, e aproveitando um momento de distração de Aisobel, quebrou uma corda à balalaika. Afec-



tando um sorriso, a velhaca pediu à linda pequena que tocasse um pouco. Só então Aisobel deu pela corda partida. A tia ofereceu-se-lhe para a mandar arranjar e, visto a sobrinha a ter em tão grande es-



tima, levava-a já. Agradecida, Aisobel, consentiu. Sandra correu a casa do feiticeiro. Este fez sobre o instrumento umas rezas e «passes» exquisitos e garantiu-lhe que, quem primeiro tocasse na balalaika, morreria instantaneamente.

Muito contente, a preversa foi levar a balalaika à sobrinha, já com a corda, é claro. Nesse dia Corissandra estava com a amiga. Quando a duquesa saiu, Corissandra pegou no instrumento e começou a tocar. Mal a voz pura e cristalina da linda e infeliz menina se elevou, logo Aisobel a viu tombar muito pálida. Estava morta. Sem soltar um grito Aisobel desmaiou. Então, o feiticeiro que estava escondido atrás dum reposteiro, apareceu. Era alto e elegante. Muito novo ainda, o seu rosto seria belo se um bigode de longas guias e uma pera não lhe dessem enormes parecenças com Satanaz. Note-se que eu nunca vi Satanaz. Quero apenas dizer que o feiticeiro se parecia com aqueles demónios que a fantasia dos pintores nos mostram. Como ia dizendo, o feiticeiro afastou o reposteiro e acercou-se de Aisobel, sobre o rosto da qual fez diversos «passes» magnéticos. Depois retirou-se, levando a balalaika.

Quando a condessa Etna viu a filha morta, não se pôde descrever a dor da pobre mãe. Menor não era a do grão-duque, vendo a filha inanimada e pálida como a morte. O feiticeiro abandonára Moscovo deixando ao aflito pai um bilhete, em que dizia que no dia em que o grão-duque consentisse no casamento dêle com Aisobel, esta despertaria. O orgulhoso moscovita enfureceu-se e maior ainda foi a cólera do príncipe Mário. Oito dias se passaram e Aisobel a dormir.

Havia nos arredores da cidade uma feiticeira que só sabia fazer bem e a quem atribuíam verdadeiros milagres. Mário foi a casa dela. Entrou para uma sala, luxuosa e artisticamente mobilada. Sentada

numa otomana, estava Ambrosina, a feiticeira. Era alta, esbelta e a sua farta e anelada cabeleira prateada, ainda mais fazia sobressair a frescura do rosto e o brilho dos enormes olhos, azues escuros. Vestia de preto, com suprema distinção. Mário contou-lhe tudo. Ambrosina pensou um pouco e depois disse:

— E' preciso que Vossa Alteza vá buscar a balalaika que êle levou. Se Vossa Alteza tocar nela junto da filha do grão-duque, ela acordará. O feiticeiro vive, agora, no Castelo de Bronze, a alguma distância da cidade. E' nesse castelo que êle tem a balalaika.

Antes de Mário partir, Ambrosina deu-lhe um anel com uma pérola magnífica, recomendando que quando se visse aflito se lembrasse da pérola. Mário partiu. Dois dias depois, levado pelo seu cavalo favorito, Etna, o príncipe chegava ao Castelo de Bronze. Era noite. Conseguiu penetrar no vestibulo, sem ser visto. Subiu uma escadaria de mármore, atravessou várias salas, onde reinava um luxo nababesco e parou, enfim, ante um reposteiro de veludo verde. Mário espreitou. Viu uma alcova magnífica. Deitado no leito estava o feiticeiro. Dormia profundamente. Sobre uma mesa, ao alcance da mão, a balalaika de Aisobel. Mário entrou. Quando ia a pegar na balalaika o feiticeiro abriu os olhos. Mário estremeceu e lembrou-se da pérola. Com espanto viu o feiticeiro tornar a fechar os olhos, resmungando:

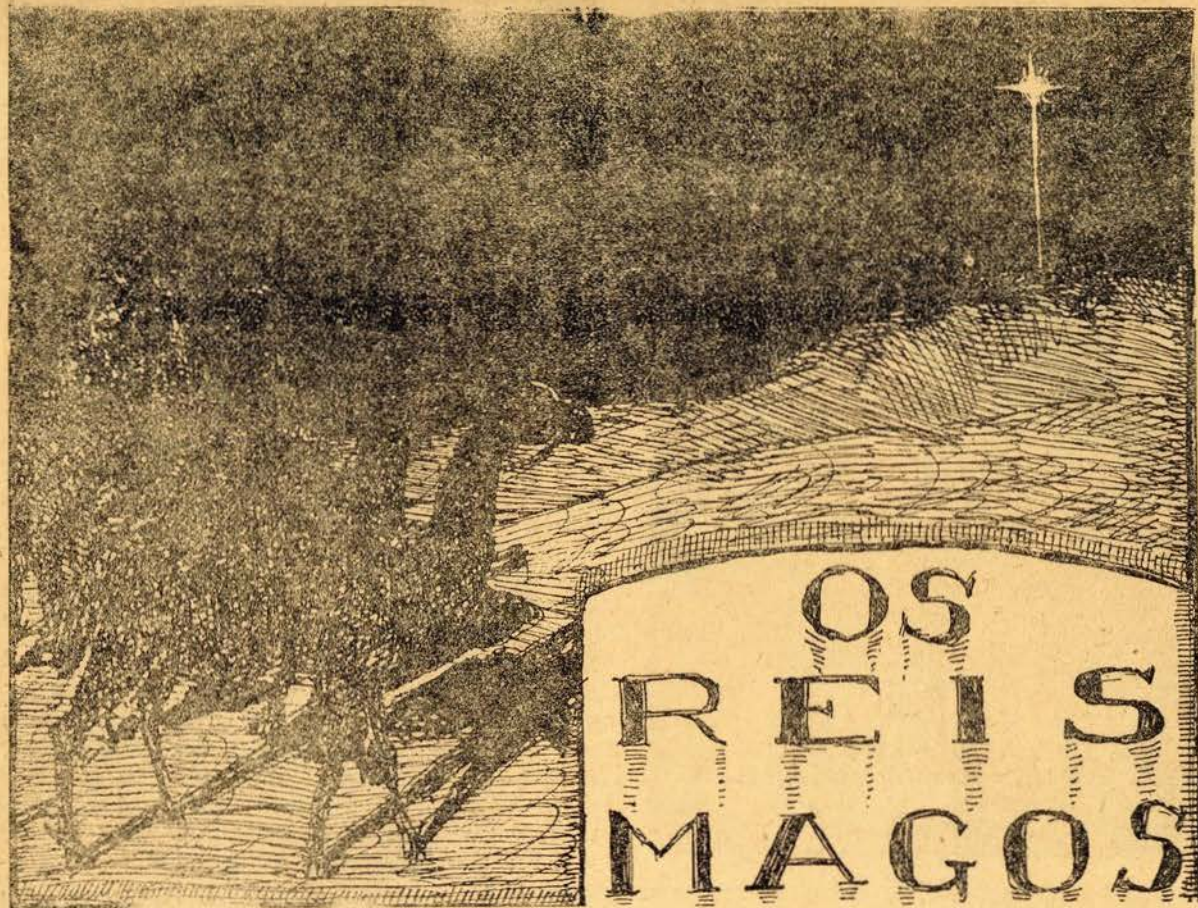
— Estou doido! Até agora me parecia vêr o maldito principalho!

Mário sorriu-se. Compreendera. A pérola de Ambrosina tornara-o invisível. Pegou no instrumento e saiu. Pouco depois abandonava o castelo. A neve caía e o frio quasi lhe gelava o sangue. Mário não



abrandava a marcha louca do cavalo e o valente Etna parecia perceber o dono, porque não corria, voava. Mal chegou ao palácio do grão-duque, Mário galgou as escadas e correu aos aposentos da sua

(Continua na página 8)



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Em suas be'as montadas,
carregadas
de oferendas,
ricas prendas
para o Menino Jesus,
recente-vindo
dos céus,
filho de Deus
e da Virgem Maria,
que, de lindo,
seduz;
seguinto
a estranha luz
que os guia,
— (a estrela peregrina) —
de olhos aéreos, vagos,
caminham os três Reis-magos
por terras da Palestina!

Em grandes flocos, a neve
torna o caminho
de arminho
e a caminhada mais leve!

As niveas cans dos monarcas,
mais alvas que o branco linho
ao ser tirado das arcas,
parecem também de arminho!

*

Chegam, enfim, a Bethlem,
a terrinha em que nasceu
ê-se Enviado do Além,
que pode mais que os tetrar-
cas,
e mais que Herodes também;
êsse Menino
que vem.

por um decreto divino,
como Embaixador do Céu,
trazer a Paz para os crentes,
lançar na terra as sementes
do puro Amor e do Bem!

*

Ei-los chegados. . . Jesus
na manjedoura, entre palha,

por todo o curral espalha
um clarão de estranha luz!

À esquerda, a mãe do Menino,
sorri de enlevo; à direita,
S. José, atento, espreita
o seu Encanto divino,
que ao doce olhar dum ju-
mento,
ao bafo duma vaquinha
e ao balar duma ovelhinha,
revela contentamento!

E eis já os três reis do Oriente,
Reis dum Reino, um reino só,
submissos, beijando o pó,
cada qual com seu presente,
aos pés d'Aquele que um dia,
um dia eterno, — (segundo
uma estranha profecia) —
virá a ser — REI DO MUNDO!

HORAS DE RECREIO

ADIVINHAS

A D. Graciete Branco e Augusto de Santa-Rita

FORMAR 16 NOMES DE HOMEM

FORMAR 11 NOMES DE FLORES

Mirabilis
M.....
...i.....
l.....

Volubilis
V.....
...e.....
...n.....
t.....
...u.....
...r.....
...a.....
...s.....

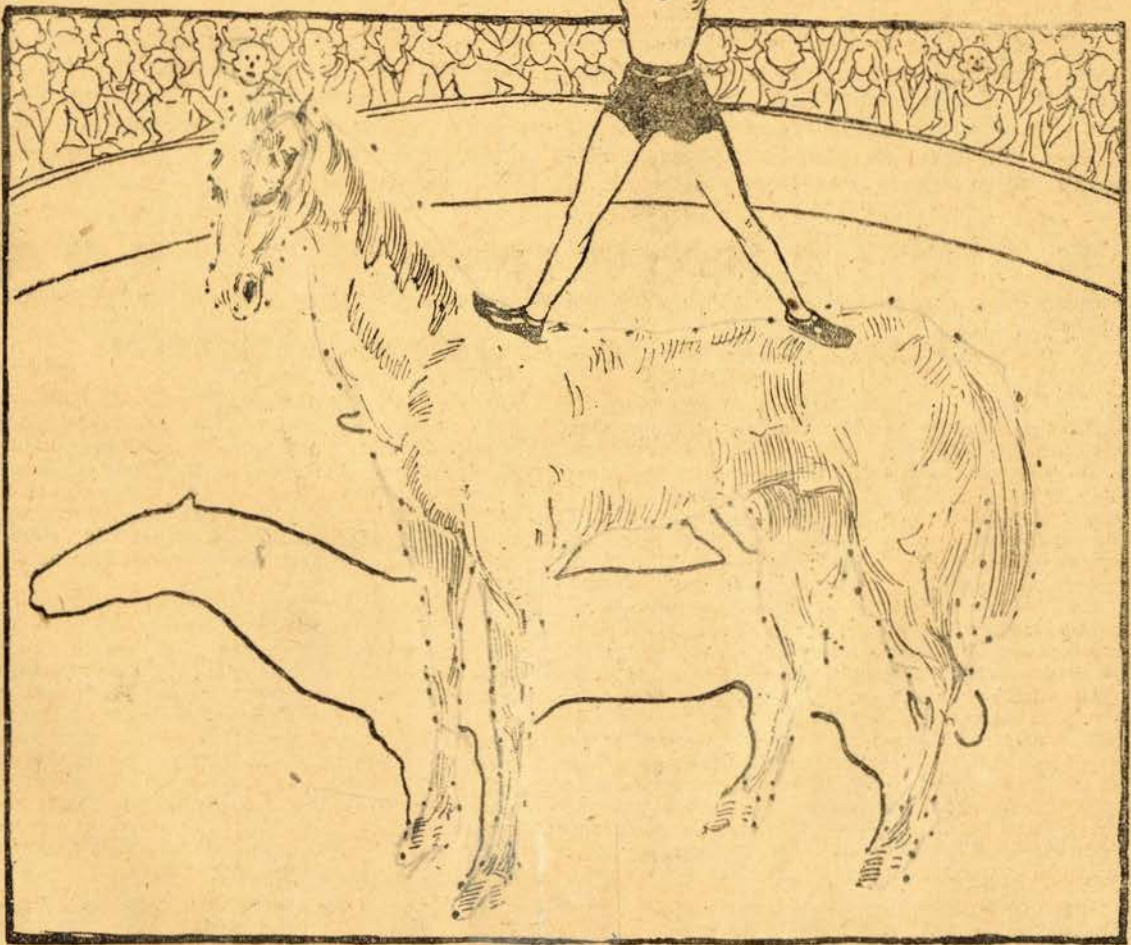
Quadrifida

J.... *Julio*
...o....
...s....
...e.....

B..... *Bartholomaeus*
...e....
...n....
...i....
...g.....
...u....
...o....

P.....
...e....
...r....
...c....
...s....

BONECO PARA TRAVEJAR, ACABAR DE DESENHAR E COLORIR



A D I V I N H A : — ONDE ESTA O DONO DO CIRCO?

